

Luta Contra o Fim

Eu estava curiosa para conhecer as crianças, ficava olhando para todos os lados e tentando ter uma amostra do que estava por vir. Observava a casa. Ela era azul, com as grades pintadas de branco, tinha um parquinho na entrada, com uma casinha e alguns brinquedos. Entre uma olhada e outra, eu a vi.

Ela era alta, não era careca, mas tinha só um pouquinho de cabelo preto, usava brincos de argola e um avental de voluntária, parecia não ser velha, tinha uma pele clara. Porém o que mais me chamou a atenção foi o seu sorriso, que nunca saía de seu rosto. Naquele momento, já sabia quem seria a protagonista da minha história.

A primeira oportunidade que tive para falar com ela ocorreu quando fomos conhecer a escolinha da Fundação Sara. Era uma casa de madeira e com um lindo jardimzinho na frente.

Enquanto todos foram ver as salas, vi que ela decidiu ficar do lado de fora.

Então, também fiquei.

Comecei tirando algumas fotos para o meu trabalho. Mas logo, perguntei:

– Quantas crianças estão, hoje, na fundação?

Muito delicada e contente pelo meu interesse, ela me respondeu:

– 5.

A partir disso, a conversa se desenvolveu. Outras pessoas se juntaram a nós e também começaram a perguntar.

Ela nos contou um pouco de sua história: seu nome é Verônica, já trabalha na instituição há mais ou menos 1 ano, como voluntária. Ela decidiu virar voluntária depois que sua mãe teve câncer. Mas por que ela tem cabelo curto? Ela também teve câncer, no final do ano passado. "Foi uma época difícil, mas graças às crianças, eu consegui vencer essa luta", disse ela, enquanto atravessávamos a rua de volta à casa principal.

Não pude perguntar mais, porque o ônibus já havia chegado. Despedi-me de minha protagonista e voltei para o colégio. Refleti muito sobre a minha experiência, que apesar de curta, me fez pensar bastante. Percebi que quando temos um problema, temos duas opções: enfrentá-lo sozinho ou com a ajuda das pessoas. A escolha é individual. Depois de solucionado, nós também temos duas alternativas: esquecer-lo ou ajudar os outros a resolvê-lo e perceber que tudo na vida é um aprendizado, nada é sem razão.

Flávia Mello, 8º F, 20016.